

.....

Porque retomar a noção de experiência em Georges Bataille

Sílvia Raimundi Ferreira - UFSM¹

“A experiência é a colocação em questão (à prova), na febre e na angústia, daquilo que um homem sabe do fato de ser”

Georges Bataille, 2016a, p. 34

Resumo

O presente artigo se propõe a retomar a noção de “experiência interior”, ponto importante da obra do escritor Georges Bataille, relacionando-a ao tema do sacrifício. Para tanto realiza-se uma retomada do momento no qual ela surge, período final da Segunda Guerra Mundial, dos autores com os quais ela dialoga, além de incluir nessa discussão o contexto social contemporâneo e algumas modificações políticas que estão em curso desde a virada no milênio. A validade desse estudo se justifica no atual recrudescimento de rígidas posições morais e religiosas e na política segregatória que esse recrudescimento acarreta, bem como na postura totalizante de parte da ciência que desconsidera a subjetividade humana; posições que tornam necessário um retorno ao tema do sagrado como experiência que escapa à lógica vigente.

Palavras-chave: *Experiência. Soberania. Sagrado. Sacrifício.*

Pourquoi reprendre la notion d’expérience dans l’oeuvre de George Bataille

Résumé

Le but de cet article est de reprendre la notion d’ “expérience intérieure” chez George Bataille, tout en l’associant au thème du sacrifice. Pour ce faire, nous nous pencherons sur le moment où cette notion surgit dans son oeuvre, à partir de celles des auteurs avec lesquels Bataille dialogue, vers la fin de la Seconde Guerre Mondiale. Aussi, incluerons-nous dans cette discussion le contexte social contemporain, tout comme certains changements politiques en cours depuis l’arrivée du nouveau millénaire. La valeur de cette étude est attestée par la recrudescence de positions morales et religieuses rigides et par la politique ségrégationniste qu’elles entraînent, et par l’attitude totalitaire d’une partie de la science qui ne prend pas en compte la subjectivité humaine. De telles positions nous obligent nécessairement à un retour au thème du sacré en tant qu’expérience échappant à la logique en vigueur.

Mots-clés: *Expérience. Souveraineté. Sacré. Sacrifice.*

¹ Sílvia Raimundi Ferreira é psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, mestre em Psicologia Social e Institucional, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

.....

Escrevo este artigo em uma cidade do sul do Brasil, decorridos poucos meses da posse do atual presidente do país. Um contexto particular que a maioria dos brasileiros não esperava, apesar de, em decorrência das atuais políticas mundiais, termos tido razões suficientes para imaginá-lo. Vitória ancorada em um discurso que mescla preceitos religiosos de caráter evangélico com um moralismo vitoriano, e que convive, ao mesmo tempo, com uma prática política marcada por uma total ausência de ética, na qual o cinismo e o desmentido predominam. Vitória também de uma proposta de segregação e de violência, que separa os “homens de bem” dos demais e, nessa separação, toma o outro como um inimigo.

Se em 2017, quando comecei a esboçar este trabalho, me parecia importantíssimo retomar alguns conceitos trabalhados por Georges Bataille, hoje, a meu ver, essa necessidade se reforça. Ao dirigir suas interrogações ao tema do negativo, através da construção da noção de experiência interior, o texto de Bataille se coloca não apenas como um discurso que faz face à lógica vigente, mas surge como uma espécie de antídoto contra ela. Suas interrogações sobre o lugar do corpo na cultura, a importância dos rituais e a dimensão sagrada dos mesmos podem surgir como um caminho possível de abertura, em um mundo em que proliferam posições fixas sobre a moral e sobre as condutas humanas.

Se o excesso protagoniza os textos de Bataille que aqui serão analisados, *A experiência interior* (2016a) e *A noção de dispêndio* (2013), iluminando o sentido do movimento, como escreve o autor, ele surge também como possibilidade de produzir resistência em períodos sombrios, em que a submissão participa ativamente na construção dos laços. Não é pouco lembrar que, para Bataille, a experiência interior também é designada como “operação soberana”, operação que afirma a soberania do homem frente às certezas oriundas tanto do saber quanto da crença; em termos atuais, operação de soberania frente a uma forma de ciência que não permite espaços para o vazio, mas também, soberania frente a imposições morais e religiosas que voltam, com toda a força, a regular as ações humanas.

“Toda a vida profunda é pesada de impossível”

O escritor Georges Bataille, entre os anos 1941 e 1942, formulou uma teoria sobre a experiência que advinha de uma combinação de referências que marcaram sua produção: as leituras filosóficas de Nietzsche e Hegel e as questões que envolvem a morte de Deus e a busca pelo saber absoluto, bem como o interesse pelas religiões e pelos rituais sagrados, presentes nos estudos de Marcel Mauss e nas experiências místicas relatadas por santos como

Teresa de Ávila e João da Cruz. Nessa junção estava a base do que o autor denominou “experiência interior”, ponto de intersecção entre os elementos inconciliáveis do pensamento e do êxtase.

No livro em que desenvolveu o tema (2016b), Bataille apresentou a experiência interior como movimento de busca pelo impossível, movimento de contestação dos saberes estabelecido, movimento que não seria justificado por nenhum dogma, nenhuma ciência, nem mesmo pela estética. A experiência seria um ápice, uma operação de encontro com o não-saber, uma tentativa de transposição dos limites impostos pelo discurso. Com essa definição, o autor abriu um debate que visava questionar tanto teorizações religiosas quanto filosóficas sobre a experiência, por ambas serem categorias de entendimento que recobrem – e de certa forma anulam – a experiência em si, já que orientam suas práticas visando um fim: Deus, na religião e o saber, na filosofia. Para Bataille, o princípio norteador da experiência se opunha radicalmente à ideia de propósito final, na medida em que é o não-sentido, presente no êxtase, que comandaria a ação.

Mais ainda, essa busca pelo impossível, contrariamente ao que uma primeira compreensão de êxtase poderia sugerir, não seria animada pelo desejo do todo – não é a totalidade que é visada –, mas sim uma viagem ao extremo do possível. A experiência teria a ver com o momento em que o homem compreende que o seu desejo de totalidade é uma ilusão, e quando, desintoxicado do desejo do todo, pode almejar algo diferente, algo que se inspira no vazio (ou no corte sacrificial).

Vale lembrar que no momento em que propõe a noção de experiência interior, Bataille está muito impactado pelas lições de Alexandre Kójeve sobre a *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel. Em seminário ministrado em 1939, Kojève apresentou aos ouvintes esse modo de compreensão da realidade, que pretende chegar à verdade através da contraposição de ideias – tese e antítese – e da reconciliação das contradições na síntese. Esse caminho, que parte da negatividade, perpassa o movimento dialético e se dirige ao saber absoluto, será uma das bases que dará forma à proposição da experiência em Bataille porém, nesse autor, outros elementos serão agregados. O enfoque maior estará no conceito hegeliano de *Aufhebung*, termo de difícil tradução, que reúne significados contraditórios como cancelar, preservar e elevar, cuja polissemia permitiria conciliar no ser a oposição entre subjetividade e objetividade, entre sujeito e objeto.

Diz Bataille:

Fazer convergir todas as inclinações do homem num ponto, todos os possíveis que ele é, extrair deles ao mesmo tempo seus acordos e choques violentos, não mais

deixar de fora o riso que rasga a trama (o tecido) de que o homem é feito, ao contrário, saber que a insignificância está garantida enquanto o pensamento não for ele próprio esse profundo rasgão do tecido, e seu objeto – o próprio ser – o tecido rasgado [...] nisso meus esforços recomeçam e desfazem a Fenomenologia de Hegel (Bataille, 2016a, p. 116).

Mesmo sendo herdeiro da dialética hegeliana, a leitura de Bataille contém uma contraposição crítica à ela, pois aponta, nesse sistema, uma certa redução da realidade ao conhecido, redução que excluiria todos os pontos que escapam ao entendimento e que levam o homem a um movimento contrário ao da compreensão – que vão do conhecido ao desconhecido –, como, por exemplo, a loucura, o erotismo e o riso. Ao questionar a circularidade fechada em si mesma da dialética hegeliana, fruto da obstinação em conhecer a realidade discursivamente até o fim, Bataille se propôs a ser “um dente dolorido na boca de Hegel” (podemos dizer hoje, com Lacan, o Real em Hegel), ser a laceração que produziria uma abertura no sistema dialético e, para isso, dirigiu seu olhar a tudo que escapava à lógica produtiva da racionalidade, em busca do que se apresentava como violência, excesso e delírio. Entro aqui, na economia do dispêndio.

Dez anos antes de *A experiência interior* (2016^a), inspirado nos estudos de Marcel Mauss sobre o *potlach*, cerimônia ostentatória ligada à questão do dom, Bataille apresentou, na revista *Critique Sociale*, o texto “A noção de dispêndio”, seu primeiro trabalho destinado a ser uma interpretação econômica da sociedade e que mais tarde seria aprofundado no livro *A parte maldita* (2013). Nesses textos, o autor propunha uma inversão radical no que, até então, se figurava como um pensamento comum sobre a economia: a de ser voltada para a produção e acumulação de bens. Ao dividir a atividade humana em dois momentos: de um lado, o homem sério do dia, relacionado com a produção; de outro, o homem da noite, destinado a consumir luxuosamente o excedente acumulado durante o dia, o autor deslocou a questão central da lógica econômica da produção para a perda. Para ele, o signo da soberania humana é nossa capacidade de dilapidação.

Nos textos citados acima, Bataille criticou diretamente o pensamento econômico de sua época, ao dizer que ele estaria subordinado a uma lógica utilitarista que desconsideraria, ou tornaria secundárias, todas as formas de prazer que não estivessem relacionadas ao útil. O autor comparou a forma como a sociedade se comporta em relação aos prazeres da vida com um pai que se opõe à satisfação dos desejos de um filho que vive às suas custas: em nome de concepções marcadas pela mediocridade, o filho não pode nem ao menos expressar o que sente, pois é levado a crer que o *horror* entra em sua casa por meio de suas demandas.

Cegueira paterna e social que não impede, na ausência do pai, o filho de seguir seu trajeto em direção aos excessos, revelando uma sociedade que funciona nos limites do horror, mas mantendo a ilusão de um mundo pacífico.

O dispêndio improdutivo, motor que gera a economia bataillana, encontrava no sacrifício o seu ápice. Os rituais religiosos primitivos seriam o maior exemplo dessa lógica que toma a perda como parte fundamental do sistema de trocas, e que entende o ato sacrificial como uma operação de transformação de algo profano em algo sagrado, ou seja, os rituais sacrificiais eram o processo por meio do qual algo era retirado do mundo das coisas – categoria que lhe teria sido imposta pela produção – para devolver-lhe a sua natureza sagrada. Em *Teoria da Religião* (2016b), há um olhar que propõe uma certa hierarquização do mundo situada entre essas duas categorias: o homem é coisa, na medida em que se coloca como uma ferramenta do mundo, e é sagrado, quando pode romper com os laços de subordinação que o tornam objeto.

Para Bataille, o fim, ou a atenuação dos rituais de dispêndio, marcou a passagem das sociedades de consumação para uma sociedade do empreendimento (termos usados pelo autor). Se nas primeiras a parte maldita se apresentava explicitamente, na segunda um projeto voltado para a acumulação faz com que a violência se volte para fora e seja subordinada a um fim. Se o consumo não deixa de ocorrer, terminam as grandes formas sociais de dispêndio coletivo, dando lugar a uma ostentação retraída, restrita a quatro paredes, que encontrou na burguesia a imagem acabada desse dispêndio envergonhado. Mudança significativa no que diz respeito a forma lidar com o excesso: do desperdício ostentatório dos rituais sacrificiais passou-se ao predomínio do produto e da produção, ou seja, o valor deixa de estar associado à perda implicada no sacrifício e passa a estar manutenção da coisa em si.

Uma precisão: parece-me importante ressaltar, aqui, que a ideia de sacrifício, que é constantemente retomada na obra do autor, não implica necessariamente em uma vítima imolada. Ele esclarece isso muitas vezes, por exemplo, ao dizer: “É a coisa – somente a coisa – que o sacrifício quer destruir na vítima” (Bataille, 2016a, p. 39) ou ainda: “[...] o sacrifício nu, sem cordeiro, sem Isaac” (Bataille, 2016a, p. 85). Se a imagem do sacrificado retorna, é na medida em que dramatiza o encontro do homem com o desconhecido, encenando as trocas (impossíveis) desse encontro através do corte sacrificial. Segundo esse pensamento, só na angústia extrema o homem pode abrir-se ao vazio contido na existência, e é a sensação de proximidade da morte que revela a verdade humana, associada à potência fundadora da negatividade, anunciada por Hegel:

A morte - se assim quisermos queremos chamar essa inefetividade - é a coisa mais terrível; e sustentar o que está morto requer a força máxima. A beleza sem força detesta o entendimento porque lhe cobra o que não tem condições de cumprir. Porém, não é a vida que se atemoriza ante a morte e se conserva intacta da devastação, mas é a vida que suporta a morte e nela se conserva, que é a vida do espírito. O espírito só alcança sua verdade na medida em que se encontra a si mesmo no dilaceramento absoluto. (Hegel, 2014, pg. 41)

O processo de humanização produzido pela linguagem traz, inerente a si, o trabalho da morte. Para Hegel (2014), o homem, ao negar a natureza da qual provém, não só se separa do resto dos animais como nega a si mesmo e cria a sua própria morte: os animais não morrem, ao não terem consciência de sua existência, eles simplesmente desaparecem. Essa consciência humana da morte, fruto da negação de si mesmo (como ser natural) e do seu isolamento em relação à natureza, gera no homem, também, isolamento entre seus semelhantes, entre os que testemunham sua morte. O trabalho do negativo em Hegel é o trabalho do espírito que, através da experiência, busca o conhecimento como um fim. Em Georges Bataille, há um além do fim; há o desconhecido: “. . . ir ao extremo significa isso: que o limite que é o conhecimento como fim seja transposto.” (Bataille, 2016a, p. 38).

“Existe na base da vida humana um princípio de insuficiência”²

No processo que envolve o trabalho do negativo não há unidade, não há absoluto pelo contrário, há o êxtase, ligado à experiência de fragmentação frente ao inapreensível, e esse inapreensível é o que o autor compreende como sendo o Sagrado. A figura do acéfalo foi emblemática dessa proposição: desenhada por André Masson, a imagem do “homem que escapou de sua cabeça como o condenado da prisão” (Bataille, 2013) ilustrou a capa da revista *Achéphale*, em 1936: um ser sem cabeça, com um crânio no lugar do sexo, intestinos à mostra, e com um punhal em uma mão e o coração na outra. Como figura da soberania, o acéfalo surgia fragmentado e recusando qualquer guia.

A experiência interior, expressão da soberania acéfala, carregava em si não a potência, mas a insuficiência humana, e retirava o seu valor justamente dessa insuficiência (Freud, em *Mal-estar na Cultura* (1930), já havia alertado a geração de Bataille sobre a impossibilidade de recobrir com o simbólico a natureza da qual proviemos). A coragem em jogo nessa formulação é a de lançar-se na angústia que provém da brecha aberta nos momentos definitivos da vida; é a coragem de suportar a vertigem, efeito da proximidade com o limiar.

² (Bataille, 2016a, p. 117).

Nesse entrecruzamento de valores, o tema da soberania surge em toda sua complexidade, ainda mais quando aproximamos o conceito filosófico de sua aplicação política. O pensador camaronês Achille Mbembe traz atualmente uma contribuição a essa discussão. Em um livro intitulado *Necropolítica* (2018), busca compreender a noção vigente de soberania, definindo-a como o poder sobre a vida humana: “[...] o poder e a capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2018, p. 5). O autor toma a definição de *biopoder*, de Michel Foucault – o exercício do poder sobre a vida –, como eixo condutor da discussão proposta no livro e questiona sua atualidade no contemporâneo, relacionando-a com as noções de *estado de exceção* e *estado de sítio* propostas por Giorgio Agamben (2014)³.

Mbembe propõe uma divisão da noção de soberania em duas vertentes: uma relacionada à modernidade e às políticas normativas, que priorizam a razão como elemento-chave para o exercício da auto-regulação da liberdade; e a outra fundada nas categorias vida e morte, que estaria associada à “[...] instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (Mbembe, 2018, p. 10). A essa segunda vertente, o autor relacionará a questão do negativo em Hegel, ou seja, a concepção de vida humana como uma bipartição entre vida natural e vida do espírito, e a negação da primeira pela segunda. Dessa formulação, o autor (talvez apressadamente) decanta⁴: “A política é, portanto, a morte que vive uma vida humana” (Mbembe, 2018, p. 12).

Em um segundo desenvolvimento da questão, o autor propõe o pensamento de Georges Bataille como um desdobramento das concepções hegelianas, porém aponta três deslocamentos de Bataille em relação a Hegel: primeiro, “Bataille retira a morte do horizonte de significação” (Mbembe, 2018, p. 14), concepção trabalhada anteriormente; segundo, ao relacionar a morte com a noção de dispêndio propõe uma lógica econômica distinta da lógica associada ao saber absoluto; e, terceiro, ao incluir nessa discussão o tema da sexualidade como experiência de perda de fronteiras (de morte), a soberania passa a ser vista como uma “[...] recusa em aceitar os limites que a morte teria submetido o sujeito” (Mbembe, 2018, p. 15), ou ainda, como enfrentamento do medo da morte que se dá pela via da transgressão. Ao que conclui: “[...] a política é a diferença colocada em jogo pela violação de um tabu” (Mbembe, 2018, p. 16).

As noções de *estado de exceção* e *estado de sítio*, propostas pelo filósofo italiano Giorgio Agamben (2014), constituiriam a condição de exceção à lei na qual são colocados

³ Noções que serão apresentadas na sequência do texto.

⁴ A apropriação de conceitos filosóficos para justificar compreensões políticas são arriscadas, ainda mais quando passagem de uma à outra não é entre detalhadamente investigada.

determinados povos e sujeitos, ao serem submetidos ao exercício do direito soberano de matar. Mbembe descreve diferentes momentos da história em que a violência, que caracteriza os estados de sítio e exceção, dominou a cena do mundo: as ocupações coloniais, a escravidão, o holocausto, o *apartheid* na África, entre outros. Períodos nos quais o Estado pode dispor da vida e da liberdade do outro considerado inferior, seja por razões raciais ou ideológicas. O autor compara esses períodos ao momento atual e aponta uma diferença importante entre eles, que torna insuficiente a noção de biopoder, de Michel Foucault, como fundamento para pensar as políticas contemporâneas da morte.

Segundo ele, o que está em questão na atualidade não é apenas o poder e o controle sobre a vida humana, mas uma política de extermínio: uma necropolítica. Realidade que se manifesta na proliferação dos espaços da violência, no uso da alta tecnologia, para a implantação do terror, na ausência de delimitação territorial nas zonas de conflito, na guerra infraestrutural (que impede o inimigo de habitar qualquer território) e principalmente, no colapso do estado como organismo que gerencia a vida comum.

A figura contemporânea do mártir, para o autor, é representativa da mudança em questão. Caracterizada pelo homem-bomba, o mártir atual faz da invisibilidade de seu corpo, que se confunde com os demais membros da comunidade, a potência de seu ataque; seu corpo é “transformado em arma” que, ao mesmo tempo, se sacrifica e aniquila o inimigo, impondo a morte a ambos: nessa lógica não há a possibilidade de sobrevivência. O sacrifício do homem-bomba interpela o propósito soberano, até então vigente, da integridade do corpo. Corpo que se torna ferramenta do ataque e que posterga o desejo de liberdade situando-o na eternidade:

Em seu desejo de eternidade, o corpo sitiado passa por duas fases. Primeiro, ele é transformado em mera coisa, matéria maleável. Depois, a maneira como é conduzido à morte – suicídio – lhe proporciona seu significado final. A matéria que constitui o corpo é investida de propriedades que não podem ser deduzidas a partir de seu caráter de coisa, mas sim de um *nomos* transcendental, fora dele. O corpo sitiado se transforma em uma peça de metal cuja função é, pelo sacrifício, trazer a vida eterna ao ser. O corpo se duplica e, na morte, literal e metaforicamente escapa do estado de sítio e ocupação (Mbembe, 2018, p. 65).

Achille Mbembe encerra o texto citado retomando a noção de sacrifício em Bataille como divergente da posição descrita acima. Em Bataille, um elemento de comédia participa da cena sacrificial, cena que precisa ser vivida não na morte, mas na vida. Ou seja, um elemento de jogo com a morte, de trapaça, permite que o entrelaçamento morte e liberdade tomem outro sentido, que não requer a aniquilação do outro.

“O princípio do sacrifício é uma dramatização”⁵

A compreensão da experiência interior como exercício de soberania torna-se ainda mais próxima se retomamos atentamente o momento histórico em que foi produzida: Georges Bataille havia passado por duas guerras (uma delas ainda em curso), ambas com um poder de destruição nunca visto. As construções da modernidade haviam sido transformadas em máquinas de aniquilamento, a sociedade industrial e o poderio financeiro estavam a serviço da guerra, e o pensamento filosófico (incluindo o pensamento de Nietzsche) também havia sido posto a serviço da ideologia nazista. Toda a crença moderna na racionalidade havia falhado e todas as tentativas de recobrimento do vazio haviam revelado sua face mortífera. E dessa equação, racionalidade e recobrimento, um resto subsistia, um resto não assimilável, resto de corpos e excrementos humanos (que jaziam nas valas de Auschwitz) que denunciavam o fracasso das ideologias vigentes.

“As vantagens da civilização são compensadas pela maneira com que os homens as aproveitam: os homens atuais as aproveitam para se tornarem os mais degradantes de todos os seres que já existiram” (Acephale, 2013).

É nesse cenário que a investigação sobre a experiência interior se coloca. A análise do sacrifício em culturas primitivas aparece como tentativa de compreensão das diferentes formas de negação da incompletude, ou de enfrentamento da frágil realidade humana; o que interessa ao autor, nas experiências místicas, é tanto a dramatização dessa incompletude quanto a inclusão do excesso que se mostra presente nessas antigas formas de relação com o sagrado. Se a experiência interior é a experiência de uma última afirmação, é uma última afirmação que não está a serviço da unificação pelo contrário, é a experiência da diferença, dos heterogêneos que compõem a vida humana. A investigação sobre o sacrifício é justamente essa pergunta sobre a separação entre os diferentes registros da existência, representados no pensamento religioso pelos domínios profano e sagrado, que o sacrifício vem a enlaçar.

“A experiência não é nada”, diz Bataille (2016a), a soberania não é nada, nada além do trânsito entre os limiares da vida. Mas esse trânsito requer a inclusão daquilo que normalmente é escamoteado nas sociedades e que diz respeito tanto à agressividade quanto ao sexual. Na medida em que se orienta pelo não-saber, a experiência interior compreende uma certa dissolução do eu que a suporta, uma perda que trabalha no sentido contrário ao da ilusão de totalidade e que implica em um rompimento com as convenções sociais. Essa compreensão de soberania acéfala diverge diretamente da instituição de um líder, um “mito”, que figure

⁵ (Bataille, 2016a, p.296).

como exceção à lei, mesmo que trabalhe na zona de indecisão que caracteriza a experiência do excesso.

Giorgio Agamben, em seminário sobre Georges Bataille realizado na Itália em 1986, contou uma anedota, trazida a ele por Pierre Klossowski, sobre um encontro ocorrido entre ele (Pierre) e Walter Benjamin. Benjamin, a propósito da revista *Acéphale* e particularmente das ideias expostas em “A noção de dispêndio” teria advertido: “Vocês trabalham para o fascismo!”. Agamben situa que a fala de Walter Benjamin certamente não dizia respeito aos temas e conteúdos do pensamento de Georges Bataille, que naqueles anos havia, inúmeras vezes, demonstrado publicamente sua aversão ao fascismo. Mas se pergunta: “[...] o que poderia entender Benjamin com aquela obscura advertência?” E continua: “[...] em que sentido se poderia dizer que também nós trabalhamos, sem saber, para o fascismo?” (SELIGMANN-SILVA, 2005). Questão fundamental, se considerarmos os rumos da política mundial hoje em dia, e também extremamente complexa, se levarmos em consideração que a obra de Walter Benjamin fazia parte das referências de leitura⁶ de Carl Schmitt, pensador ligado ao regime nazista, cuja teoria sobre a relação existente entre soberania e exceção participou das ideias do nacional-socialismo alemão.

Encaminho-me para o final, recolocando a questão inicial: por que retomar o pensamento de Georges Bataille na atualidade, especialmente no contexto do Brasil? Momento em que se propaga um discurso de exaltação aos valores familiares, de retomada de noções como pátria, de combate à ideologia de gênero e de separação entre os “homens de bem” e os “vagabundos” – separação que tão bem ilustra o “homem do dia” e o “homem da noite”, teorizados pelo autor. Em que o imperativo moral se propõe como resposta aos sofrimentos humanos, ao mesmo tempo em que uma parte da população é dizimada nas periferias, e em que pesquisas recentes nos mostram que os assassinatos no Brasil correspondem, no mesmo período, em número cinco vezes maior que os mortos oriundos das guerras. Período tristemente sombrio, mas revestido de uma falsa luminosidade que ofusca nossa capacidade de reação e de levante contra o horror que se instaura novamente no laço social. Horror que, mais uma vez, insistimos em negar.

Talvez os escritos de Georges Bataille, que nos obrigam a lembrar que a vida carrega outras dimensões – dimensões associadas ao riso, ao erótico, ao infantil, ou *à noite* como diz

⁶ Seligmann-Silva, M.. (2005). Walter Benjamin: o estado de exceção entre o político e o estético. Revista Outra travessia, 5, 2005, Consultado em 15 maio de 2018, em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12579/11746>.

o autor– sejam fundamentais para atravessar períodos como este. Um pequeno trecho de *A experiência interior* inspira essa aposta:

Sem a noite, ninguém teria de decidir, mas, numa falsa luz, simplesmente se submeter. A decisão é o que nasce diante do pior e supera. É a essência da coragem, do coração, do próprio ser. E é o inverso do projeto (ela quer que renunciemos ao prazo, que decidamos na hora, colocando tudo em jogo: o que vem depois é secundário) (Bataille, 2016Aa, p. 58).

Referências

- Agamben, G.(2010). *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG.
- _____. (2007). *Profanações*. São Paulo: Boitempo.
- Bataille, G. (2016a). *A Experiência Interior: Seguida de Método de Meditação e Postscriptum*. Belo Horizonte: Autêntica. (Edição original 1953).
- _____. (2013b). *A Parte Maldita. Precedida de “A noção de dispêndio”*. Belo Horizonte: Autêntica. (Edição original 1949).
- _____. (2016b). *Teoria da Religião: Seguida de Esquema de uma história das religiões*. Belo Horizonte: Autêntica. (Edição original 1973).
- _____. (2016c). *O Culpado: Seguido de Aleluia*. Belo Horizonte: Autêntica. (Edição original 1961 e 1998).
- Fellmann, R.-M. M. (2016). *Erótica de la Transgresión*. México: Herder.
- Freud, Sigmund. *O Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- Hegel, Georg W. F. *Fenomenologia do espírito*. 9 edição, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. (Primeira Publicação 1807)
- Joron, Philippe. *A vida improdutiva: Georges Bataille e a heterologia sociológica*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- Kojeve, Alexander. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. (Edição original 1947).
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições.
- Revista Acéphale (2013). *A conjuração sagrada*. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora.